

COMFOR

Comitê Gestor Institucional de Formação Inicial e Continuada de Profissionais da Educação Básica



Aperfeiçoamento em Educação Infantil,
Infâncias e Arte
Módulo 2 - Fundamentos das artes
na Educação Infantil

PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Dilma Vana Rousseff

VICE-PRESIDENTE

Michel Miguel Elias Temer Lulia

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Renato Janine Ribeiro

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP)

Reitora: **Soraya Shoubi Smaili**

Vice Reitora: **Valeria Petri**

Pró-Reitora de Graduação: **Maria Angélica Pedra Minhoto**

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa: **Maria Lucia Oliveira de Souza Formigoni**

Pró-Reitora de Extensão: **Florianita Coelho Braga Campos**

Secretário de Educação a Distância: **Alberto Cebukin**

COMITÊ GESTOR DA POLÍTICA NACIONAL DE
FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFISSIONAIS
DA EDUCAÇÃO BÁSICA - CONAFOR

Presidente: **Luiz Cláudio Costa**

COORDENAÇÃO GERAL DO COMITÊ GESTOR
INSTITUCIONAL DE FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA
DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA - COMFOR

Coordenadora: **Celia Maria Benedicto Giglio**

Vice-Coordenadora: **Romilda Fernández Felisbino**

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DO CURSO

Coordenadora: **Érica Aparecida Garrutti de Lourenço**

Vice-Coordenadora: **Betania Libanio Dantas de Araújo**

COORDENAÇÃO DE EaD

Izabel Patrícia Meister

Paula Carolei

Rita Maria Lino Tárzia

Valéria Sperduti Lima

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO E DESENHO
INSTRUCIONAL

Felipe Vieira Pacheco

COORDENAÇÃO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Daniel Lico dos Anjos Afonso

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA - SEB

Secretário: **Manuel Palacios da Cunha e Melo**

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA,
ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO -
SECADI

Secretário: **Paulo Gabriel Soledade Nacif**

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA
EDUCAÇÃO - FNDE

Presidente: **Antonio Idilvan de Lima Alencar**

FUNDAÇÃO DE APOIO À UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SÃO PAULO - FAP-UNIFESP

Diretora Presidente: **Anita Hilda Straus Takahashi**

PRODUÇÃO

Daniel Gongora

Eduardo Eiji Ono

Fabrizio Sawczen

João Luiz Gaspar

Marcelo da Silva Franco

Mayra Bezerra de Sousa Volpato

Margeci Leal de Freitas Alves

Tiago Paes de Lira

Valéria Gomes Bastos

Vanessa Itacaramby Pardim

SECRETARIA

Adriana Pereira Vicente

Bruna Franklin Calixto da Silva

Clelma Aparecida Jacyntho Bittar

Livia Magalhães de Brito

Tatiana Nunes Maldonado

SUPORTE TÉCNICO

Enzo Delorence Di Santo

João Alfredo Pacheco de Lima

Rafael Camara Bifulco Ferrer

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

André Alberto do Prado

Marlene Sakumoto Akiyama

Nilton Gomes Furtado

Rodrigo Santin

Rogério Alves Lourenço

Sidnei de Cerqueira

Vicente Medeiros da Silva Costa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

1933



EDIÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E INFORMAÇÕES
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
RUA SENA MADUREIRA, 1500 - VILA MARIANA - CEP 04021-001 - SP
[HTTP://COMFOR.UNIFESP.BR](http://COMFOR.UNIFESP.BR)

COPYRIGHT 2015

TODOS OS DIREITOS DE REPRODUÇÃO SÃO RESERVADOS À UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO.
É PERMITIDA A REPRODUÇÃO PARCIAL OU TOTAL DESTA PUBLICAÇÃO, DESDE QUE CITADA A FONTE



AULA 1

CULTURAS INFANTIS E AS
CRIANÇAS. MAS, AFINAL
O QUE ISSO TEM A VER
COM ARTES NA EDUCAÇÃO
INFANTIL?

Autora: Márcia Aparecida Gobbi



Estudo dos fundamentos das artes na Educação Infantil, este segundo módulo que compõe o curso *Educação Infantil, Infâncias e Arte*, trata de algo precioso para formação de profissionais de todos os segmentos relacionados à educação das crianças em idade pré-escolar e níveis posteriores. Nesse módulo, dentro dos limites de tempo e espaço, buscaremos promover reflexões que aliem práticas pedagógicas às teorias que envolvem alguns dos fundamentos relacionados às artes e à educação infantil, as manifestações expressivas das crianças ganharão um peso e, entre elas, optou-se por abordar o desenho criado pelas crianças por entender que se trata de forma de expressão bastante presente no cotidiano e que vem sendo cada vez mais sendo negligenciada tornando-se menos observada e compreendida em toda sua complexidade.

Como tanto temos lido e ouvido, a conjugação entre as manifestações artísticas à formação de profissionais que atuam com crianças em espaços escolares, bem como, a garantia da presença das expressões artísticas no cotidiano infantil é algo que deve ser conquistado e estar presente como a derramar-se no dia-a-dia de meninas e meninos, sendo portanto, compreendidas em práticas diárias.

Para tanto, é imprescindível apresentar uma primeira questão que se comportará como orientadora de nossas reflexões posteriores: ao nos manifestarmos sobre a importância da formação em arte de profissionais da educação infantil em que e em quem pensamos? Como já mencionado, e algo a ser explorado posteriormente, sabemos tratar-se de um dos fundamentos na formação de profissionais e, em especial, das professoras que atuam na educação infantil, contudo, por vezes, nos esquecemos de refletir sobre aqueles e aquelas que serão envolvidos com a criação artística, com as manifestações expressivas: as crianças propriamente ditas.



PARA REFLETIR

Que concepções de infância e crianças têm nos orientado? O que sabemos sobre as meninas e meninos desde que nascem? O que é ser criança segundo nosso ponto de vista?

É imprescindível carregar essas questões conosco como forma de balizar nossos olhares, pois a depender das concepções que portamos nós organizamos e orientamos nosso tempo de estar junto com a criança, bem como, nossas propostas para elas e a serem realizadas com elas, soma-se a isso a capacidade de ver e compreender o que é visto quando feito pelas crianças, desde bem pequenas. Exemplificando: quando acreditamos que as crianças são incapazes de tomar decisões, criar e inventar soluções para seus mais diferentes problemas, que pensam e veem o mundo de modo complexo nossa estada com elas torna-se momentos em que nos comportamos a preencher o tempo das meninas e meninos com atividades inócuas, sem significado para eles e elas, revelando uma concepção em que prepondera a espera pelo vir a ser adulto.

Ao longo de tempos temos proposto uma pergunta a qual tem reverberado e provocado inúmeras reflexões: o que aprendi com as crianças hoje? Frequentemente nos questionamos sobre o que fazemos **para** elas desde bebês em atividades realizadas em berçários e continuamos a nos perguntar o que fazer para eles e elas quando crescem. Não é raro terminarmos o dia refletindo sobre o que ensinamos às meninas e meninos ao longo de horas, semanas ou mesmo meses que passamos juntos em espaços escolares entre os maiorzinhos. Há uma relação pre-



sente nisso em que se atua numa via de mão única onde predomina a lógica do adulto sobre a da criança.

Esse ponto é importante e retomo aqui a pergunta sugerida: o que aprendi com as crianças hoje? Quando nos questionamos dessa forma provocamos e revelamos mudanças e deslocamentos nas relações estabelecidas entre todos. A criança toma outro lugar, conquistando espaços em que a invisibilidade deixa de existir. El surge em sua complexidade e na riqueza de suas ações. Pensar sobre o que aprendi com o outro, quando esse outro é criança e bem pequena implica contemplar esse outro em nosso cotidiano, em nossas práticas sociais e educacionais diárias. Mas, retomo a preocupação já posta: que concepção de infância orienta nossa proposta? Como são concebidas as crianças em nosso trabalho?

Termos e conceitos resultam de disputas e evidenciam a construção de campos em que lutas e conquistas de diferentes grupos explicitam-se e ensejam reflexões. Não temos a pretensão de concluir um debate tão árduo, ao contrário, a intenção aqui é apenas fomentar discussões e percepções sobre a infância tendo como ponto de partida a própria criança. Com a finalidade de pensar sobre a arte como fundamento na formação vale afirmar que as crianças são aqui concebidas como **construtoras de culturas**. Trata-se, contudo de um conceito que, infelizmente, por ter sido incluído no cotidiano de pesquisadores e pesquisadoras, bem como, em diários que relatam propostas de práticas pedagógicas sem que as mesmas sejam problematizadas, tem se tornado quase um jargão, algo a ser esquecido ou naturalizado e, com isso, deixa-se de estranhá-lo e questioná-lo, o que é imprescindível.

Conceber as crianças como construtoras de culturas é algo bastante recente em tempo histórico no Brasil. É com **Florestan Fernandes**, sociólogo brasileiro, que temos pela primeira vez a observação de relações e o brincar de meninas e meninos sendo vistos sob a ótica da sociologia, o que resulta, não apenas numa pesquisa fecunda, mas também em possibilidades de olharmos para as crianças em seus grupos infantis criando e recriando relações, inventando códigos, gestos e distintas formas de relacionar-se com o espaço e com o outro. Isso na década de 1940, quando Florestan Fernandes pesquisou a criança em bairros operários da cidade de São Paulo e observou que elas são capazes e criam relações diversas em seus grupos infantis. O resultado dessa pesquisa é o brilhante texto *Trocinhas do Bom Retiro*. Denomina de cultura infantil àquilo que é produzido pelas crianças nos grupos infantis. Segundo o autor:

Florestan Fernandes.
paulistano, 1920-1995.
sociólogo brasileiro responsável pela constituição de uma sociologia crítica. professor universitário da universidade de São Paulo onde realizou seus estudos, é afastado em 1964. político engajado defensor da escola pública, ligando-se sempre a movimentos sociais. *Trocinhas do Bom Retiro* é texto seminal sobre infância brasileira do ponto de vista sociológico.

Nesses grupos se iniciam os contatos das crianças com o meio social, de maneira mais livre e íntima. As relações são as de grupos primários, face a face, apresentando-se perfeitamente organizadas e regulamentadas em seus traços mais gerais, havendo, mesmo, sanções punitivas para os transgressores. Como frisamos acima, os indivíduos em interação pertencem ao grupo vicinal. Só dificilmente são aceitos os ádvenas. Até o fim da primeira infância e às vezes também durante parte da segunda infância, não se verificam círculos fechados entre as crianças do grupo infantil, participando dos folguedos tanto os meninos como as meninas. (op. Cit, p.237)¹

1 Pode ser encontrado no endereço: <http://www.todosnos.unicamp.br:8080/lab/acervo/artigos>



As brincadeiras e trocas feitas pelas crianças instigaram o sociólogo a pensar em outras formas de conceber meninas e meninos para além de um desenvolvimento infantil. Suas observações versaram sobre as construções complexas existentes nos grupos infantis a partir de suas brincadeiras. Tal perspectiva se contrapõe aquelas em que se trata de esperar que as crianças cresçam, para daí serem concebidas criadoras, podendo ser então consideradas, talvez apreciadas. Era o “vir-a-ser” adulto que estava presente no modo de ver adulto. A bibliografia referência deixava de lado as características próprias do ser criança, que com suas inventividades criam e recriam o mundo. Esta presença marcante de uma concepção de criança e infância como algo que não merece ser compreendido em sua inteireza possui um contexto social e histórico, cujas raízes encontram-se presentes em nossas práticas e formas de olhar para suas criações. Ao longo do tempo, ora as crianças estavam invisíveis diante de nossos olhos, ora consideradas por seus pais, professores, como sujeitos a serem educados com valores voltados para aquilo que serão amanhã: o futuro homem, a futura mulher, o engenheiro, o escritor ou escritora, entre outros. O que as meninas e meninos são hoje, desde bem pequeninos, não era apreciado como algo importante e com o que se poderia aprender a ponto de alterar os modos de ver dos adultos.

Embora superada, esta visão ainda encontra-se presente em algumas práticas educativas, que acreditam que as crianças partem de um nível baixo e que terá uma explosão de conhecimentos, desenvolvendo-se em processo evolutivo enquanto os anos passam e, por que não, quando elas se aproximam do universo adulto. Para tanto, tal concepção apoia-se na ideia e na prática de que é preciso prepará-las para o que virá posteriormente, subestimando suas ações e aquilo que já são, a educação propedêutica ganha espaço.

Seguindo esta forma de conceber as crianças, nos primeiros anos de vida não há muito a fazer, é como se elas se encontrassem em tempo de espera. É comum ouvirmos de pais e professoras as seguintes falas: *brinque enquanto pode!!* Ou mesmo, apontamentos que enaltecem o disciplinamento escolar do ensino fundamental, servindo como uma ameaça futura ao dizer às crianças que devem se comportar nas cadeiras, num espaço físico restritivo dos movimentos corporais, para aprenderem a conviver com o lugar que passarão a frequentar, é comum ouvir falas tais como: *o mais sério virá depois!* Como se apenas o que virá no futuro escolar deva ser concebido com rigor. Quando nos debruçamos a observar as relações existentes entre adultos e adultas e bebês isso pode ganhar outros contornos já que devido a ausência da fala a compreensão dos adultos daquilo que os bebês estão elaborando torna-se ainda mais precária.

Esta visão tem reflexos no modo como são observadas as criações infantis, ora como ausência ou falta, ora como estado de espera por realizações mais compreensíveis à estética adulta. Os desenhos são percebidos como meros rabiscos indecifráveis, cabendo-lhes deixar que os façam para depois guardá-los simplesmente, desconsiderando sua composição e o processo de criação que o envolve. É triste afirmar, porém, em muitos casos, o desenho não passa de um mero preenchimento de tempo entre atividades escolares. Vale observar que tudo aquilo que é criado pelas meninas e meninos bem pequenos recebe denominações que conotam o ato de modo diminutivo: desenho é desenhinho, música é musiquinha, professora é professorinha e daí para espaços e relações, tais como, salinha, parquinho, lanchinho. Não se trata somente de algo comum ao povo brasileiro, numa maneira carinhosa de referir-se ao outro usando termos em diminutivo. Certas denominações e palavras não são simples atos de nomeação, guardam sentidos e representações e podem revelar concepções que precisam ser problematizadas. Nos campos da educação essas formas de tratamento tornam-se mais frequentes quando o assunto



e o lugar estão voltados à educação infantil e a todos que a envolvem. Precisamos estranhar esses modos de olhar e nos relacionar com isso, já que as mesmas reduzem aquilo que as crianças fazem e destituem desses atos a riqueza que neles encontra-se engendrada do ponto de vista cultural, social e da criação infantil.

Barra manteiga, corre cotia, mãe da rua são brincadeiras conhecidas por muitos de nós e encontram-se ainda presentes no cotidiano infantil em creches e pré-escolas. Seus desenhos, criados nos mais diferentes suportes além das folhas de papel, são vistos ou apenas guardados? Observamos o que as crianças estão fazendo antes, durante e depois dessas brincadeiras? Como as mesmas criam regras, subvertem e recriam? Embora aparentemente conhecidas por nós, é nessas práticas que podemos identificar algumas das características culturais existentes nos grupos infantis e identificar as crianças como construtoras de culturas infantis. Anotar e discutir sobre o que se vê é fundamental para que possamos sair do lugar comum que considera a todos como receptáculos de cultura e alterar esse quadro para aquele em que meninas e meninos mostram sua capacidade inventiva desde que nascem.

Para que sublinhar essa questão quando discutimos fundamentos das artes na educação infantil? Vamos pensar:

- As crianças são construtoras de culturas infantis, capazes, inventivas e não seres que devem permanecer em estado de espera de um momento privilegiado quando crescerem, tornando-se adultos.
- A infância, como construção social e cultural, não pode ser vista como universal, bem como, aos meninos e meninas que a compõem.
- As crianças são sujeitos de direitos desde seu nascimento, sujeitos históricos, determinam e são determinadas pelo contexto social, histórico, cultural e econômico no qual vivem numa interação constante, deixando suas marcas e sendo marcados por ele.
- Suas vozes, seus desenhos, seu gestual, suas tantas linguagens devem ser ouvidas, vistas, consideradas, registradas, expostos de forma que todos nós possamos conhecê-las, em seus diferentes fazeres, seus diversos desejos e imaginações.

Nesse ponto de nossa aula, indicamos a leitura complementar do texto “Múltiplas linguagens de meninos meninas no cotidiano da Educação Infantil”, de nossa autoria, disponível no moodle como texto complementar. Ele nos permitirá conhecer um pouco mais sobre aromas, sons, cores, formas, texturas, gestos, choros e variadas manifestações culturais e expressivas que, em profusão, anunciam o mundo às crianças.



IMPORTANTE

Tocamos aqui, nessa primeira aula em uma temática que compreendemos ser definidora para todas as propostas educacionais que tenhamos relacionadas à infância. Ou seja, o que são e como são compreendidas as crianças. Solicitamos a seguir algumas atividades a serem desenvolvidas ao longo da semana. Nessas primeiras solicitações nossa preocupação está voltada para as relações estabelecidas entre as crianças em espaços diversos nos Centros de Educação Infantil e Escolas Municipais de Educação Infantil procurando nos aproximar do fundamental de algumas manifestações artísticas em nossas vidas desde que nascemos assegurando-as como direito de todos.

Como já mencionado não podemos guardar esses conhecimentos conosco sem materializa-los em nosso cotidiano alterando as relações que estabelecemos com as crianças. Meninas e meninos construtores de culturas infantis o fazem em diferentes formas e contextos? Como se relacionam com as outras crianças e adultos? O que criam nessas relações? Subvertem a elas ou aquiescem? Vamos observar?

Neste ponto de nossa primeira aula, solicitamos que realizem as atividades 1 e 2 nessa ordem.

Referências bibliográficas

FERNANDES, Florestan. Trocinhas do Bom Retiro. In: **Folclore e Mudança Social na cidade de São Paulo**. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2002.



AULA 2

ARTE COMO EXERCÍCIO DE VIDA

Autora: Márcia Aparecida Gobbi



Como foi afirmado em aula anterior temos nas artes um fundamento na formação de profissionais que atuam na educação infantil. As manifestações artísticas não podem ser traduzidas por aulas em que ensinamos gêneros artísticos ou técnicas. Estamos lidando com a especificidade das crianças cuja faixa etária segue até os seis anos. Isso exige olhares e relações distintas em que estejam presentes meninas e meninos compreendidos como atores sociais e autores de suas ações. Dentro dos limites impostos pelo tempo e tamanho de nossas aulas, essa aula e as demais procuram situar as artes no cotidiano da educação infantil tendo como ponto em destaque a criação de desenhos. Busca, para tanto, recuperar alguns aspectos da história recente em que exposições de criações infantis e estudos que descobriram a relação entre artes e primeira infância ganharam proporções significativas, chegando a inspirar-nos sobre modos de constituir e apreender tais manifestações entre as meninas e meninos e, ainda mais, na formação de professores e professoras que trabalham especificamente com a educação infantil. Trouxeste a chave? Por enquanto, vamos procurar abrir uma conversa.

PARA REFLETIR

E quanto à arte? Artes todos os dias! Reivindicação bastante atual e frequente coloca-nos hoje algumas pulguinhas atrás da orelha: mas, sempre foi assim? Temos, de fato, a presença de diferentes manifestações artísticas no cotidiano da educação infantil? Em caso afirmativo, que tipo e com que qualidade?

É difícil abandonar essas perguntas e nem devemos. Necessárias, se impõem quando queremos conhecer o que meninas e meninos têm feito diariamente em creches e pré-escolas brasileiras no tocante às manifestações artísticas que podem ser asseguradas também como direito em seu cotidiano.

Sabe-se há muitas décadas que as crianças inventivas que são criam desenhos e os deixam como marcas em vários dos locais por elas visitados ou construídos. Imaginação e diferentes processos de criação se unem a seus corpos que produzem formas e gestos nas relações com outras crianças e os mesmos, por vezes, são absolutamente incompreensíveis pelos adultos, que adultocentrados, ou seja centrados em si mesmos e suas perspectivas e valores, perdem a oportunidade de decifrá-los e, com isso, conhecer mais e melhor a própria infância e as crianças como construtoras de culturas que são e sujeitos de direitos, sendo um deles a expressar-se artisticamente e mais, a conhecer e relacionar-se com distintas formas de expressões em artes. Algo semelhante, quanto à desconsideração, ocorre quando as crianças manifestam o desejo de desenhar, dançar, encenar, fotografar.

Nesses espaços e enquanto essas e outras manifestações artísticas acontecem entre as crianças e entre essas e adultos e adultas que com elas estão, muitos gestos, formas de ver e estar no mundo são construídas de jeitos complexos, elaboradas segundo lógicas, às vezes, incompreensíveis ao universo adulto. Chamando o poeta Drummond (1987) para contribuir com nossas reflexões, apresento um excerto do poema *Procura da Poesia*:



Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra

e te pergunta, sem interesse pela resposta,

pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Mas, que chave é essa? Há o que abrir? O que temos a descobrir, caso consigamos abrir o estranho e desconhecido que habita por trás de segredos escondidos pelas palavras, e, tomarei liberdade aqui de acrescentar: encontram-se escondidos entre traçados, entre olhares, entre imagens captadas pelas crianças? O que meninas e meninos fazem diante de nossos olhos e não vemos? O que está guardado entre seus traços, suas histórias, suas diferentes manifestações expressivas?

Arte e infância: Educação Infantil em foco

A relação entre crianças, artes e educação infantil passou a ser observada com rigor em intensos processos de investigação e observação, ao mesmo tempo em que, de forma perigosa, tornou-se fala corrente, beirando o senso comum. Naturalizada, deixa de compor de modo efetivo nosso cotidiano e passa a fazer parte apenas em planejamentos pouco ou nada materializados: preocupante. Pois nossa pergunta inicial torna a voltar. E as crianças envolvidas nesse processo, são atores ou coadjuvantes no tocante as práticas artísticas?

Embora não seja nosso foco nesse módulo, é importante considerar também qual a formação estética das professoras para que possam acompanhar e ensejar o desejo de ver, criar, entusiasmar-se e ter curiosidade pelas diferentes linguagens artísticas em suas e nas vidas das crianças. Quanto maior a curiosidade pelo mundo, quanto mais frequentamos museus e exposições, a livros de arte, a filmes e peças de teatro de boa qualidade, nos tornamos mais instigados a continuar a ver e alimentados esteticamente.

Como já comentado na aula anterior, recente e fecunda é a descoberta da criança como ativa e construtora de culturas, assim como, a compreensão de que meninas e meninos elaboram e expressam modos de ver em gramáticas peculiares à infância, guardando suas especificidades de classe, gênero, étnicas, religiosas, etárias e entre essas se misturando. Mobilizadora de olhares e relações que, até então, enrijecidas, pouco se davam conta de que meninas e meninos possuíam a capacidade de elaborar traços próprios, modos expressivos característicos e inventivos. Essas manifestações, tão presentes em seus desenhos e outras expressões, são de forma concomitante, linguagens e marcas históricas que podem ser compreendidas evidenciando seus modos de ver e imaginar determinados contextos sociais, culturais, históricos e econômicos, constituindo-se como campo social a ser explorado, investigado rigorosamente.



É importante considerarmos que a valorização das criações infantis ganha peso entre artistas modernistas logo no início do século XX, sofrendo, portanto, transformações históricas até sua entrada e permanência nos campos educacionais, quando aí também encontra distintos questionamentos, intervenções e formas de materializar tais pensamentos e proposições. Para melhor conhecimento, sugere-se a leitura do texto *Ver com olhos livres: arte e educação na primeira infância*¹.

Ainda que de modo breve, ao lembrarmos da formação de mentalidade preocupada com arte e infância no Brasil merece destaque inequívoco **Mário Pedrosa**. O crítico de arte surpreende-se com a percepção da riqueza de pinturas e desenhos infantis ao ter contato com criações infantis no ateliê do amigo e artista plástico Ivan Serpa, no Rio de Janeiro. Em seus escritos aborda com entusiasmo as expressões plásticas das crianças e provoca a pensar, sobretudo, quando sabemos que as criações eram expostas em exposições infantis no Museu de Arte Moderna da mesma cidade. O crítico tem diante de si exposições que englobam produções infantis já em 1952. Pedrosa denomina o que vê de arte infantil e sugere colocá-la em relevo expondo as obras e sendo sustentadas como base influenciadora da produção de alguns artistas. Essa observação sugere-nos a importância do olhar atento para aquilo que as crianças produziam, observação essa que é social e historicamente constituída, compondo-se vagorosamente e nos ensinando a ver, sob diferentes pontos de vista, o que as crianças estão elaborando diariamente no uso de suas diversas manifestações expressivas e linguagens artísticas.

Antes disso, na década de 1930, **Mário de Andrade** entusiasta, colecionador e estudioso dos desenhos das crianças, conforme Gobbi (2004/2012), é o prenúncio de estudos valorosos segundo os quais os desenhos das crianças engendram situações e imaginário de classe, gênero e étnicas podendo ser apontados como fontes documentais e promissoras fontes de estudos sobre diferentes infâncias brasileiras. Como se sabe nosso olhar, por vezes, deixa passar ao largo certas criações, sobretudo quando oriundas de meninas e meninos bastante pequenos. Tornam-se rabiscos sem intenção, menores diante de outros com formas mais facilmente decifráveis. Para muitos, o importante é reconhecermos algo, ainda que sejam formas repetidas ao longo de décadas, como nos mostrou Viana (1999), as casinhas com chaminés, ou os patinhos que seguram guarda-chuvas, elefantinhos que mostram apenas a parte traseira de seus corpos com sua imensa tromba. Muitos deles com aparência infantilizada e infantilizadora da própria criança merecendo que reflitamos sobre quais as experiências estéticas promovidas às crianças e, ainda mais, às adultas e adultos que com elas convivem na cidade, nas escolas, nas creches, assunto esse bastante extenso, exigindo que nos debruçemos em outro momento.

Escritor, poeta, musicista, criador dos parques infantis da cidade de São Paulo, onde esteve à frente do Departamento de Cultura entre os anos de 1935 a 1938

Trata-se de refletirmos sobre o fato de que alguns artistas encontram e se encontram com as criações de meninas e meninos pequenos. Nós em muitos dos campos educacionais dedicados aos estudos da primeira infância e às práticas pedagógicas com crianças pequenas, ainda resistimos, sob certos aspectos, a observarmos em sua inteireza e riqueza aquilo que elas, de modo complexo, elaboram. Enfim, hierarquizamos as criações assim como fazemos com a própria infância, em que ser bebê com suas características próprias, passa a ser visto como inferior a ser criança grande, já falante, com capacidade de escrita.

1 http://www.todosnos.unicamp.br:8080/lab/acervo/capitulos/GOBBI_VerComOlhosLivres_In_OColetivoInfantil.doc/view



Arte, cotidiano e formação de profissionais em educação infantil. Ao colocarmos todos juntos pressupõe-se sua junção de fato e presente diariamente na vida. Trata-se de defesa constante. Porém, há que ter cuidado e rigor nessa proposição. As manifestações artísticas e expressivas de meninas e meninos podem ser observadas como necessidade vital, exercício cotidiano de vida, o que garante outras relações e preocupações. As reflexões apresentadas aqui se filiam à compreensão de que se trata de exercício de vida e não organização em grade curricular que fragmenta em disciplinas escolares certos conteúdos tidos como mais corretos a cada composição etária, de gênero ou de classe social e configuram-se como transmissão passiva de conteúdo. Há uma diferença sutil, mas importante: não se trata de darmos aulas de artes à bebês ou crianças com até cinco anos de idade e com horários rígidos e composição de tempos exíguos para criar.

Pensar em artes todos os dias implica planejar de forma que elas estejam contempladas de modo misturado ao cotidiano, compondo-o. Quando pensamos nos desenhos criados pelas crianças, isso exige que compreendamos que os mesmos não podem servir a meras formas de registro de acontecimentos, efemérides pouco significativas. Resultam de amplos e intensos processos de elaboração e criação. Escolhas são feitas. Experiências são vividas e marcam a todos. Experiências que transformam lápis, giz, caneta, tijolo, carvão em formas de jogos de descobertas entre todos, coletiva ou individualmente.

Experiências que fazem com que dançam ao mesmo tempo em que desenhavam, que cantem enquanto conversam, que riem enquanto discutem, que escolham e negociem materiais que serão utilizados, suportes explorados, resultados obtidos e o como e se serão expostos. Portanto, repito à exaustão: arte no currículo da educação infantil merece reflexão especial, pois, não é componente curricular apenas como penduricalho ou a “cereja do bolo” a enriquecer ingredientes tidos como mais importantes. As crianças, em suas práticas cotidianas, com seus jeitos de ser e estar no mundo, demonstram que tudo isso encontra-se imbricado, não dá para separar. Trata-se de tarefa desafiadora, pois, ao longo de nosso processo de formação aprendemos a separar o conhecimento e a compreender que é assim que se faz para obter bons resultados. Porém, isso é perverso, sobretudo quando lidamos com crianças e tão pequenas. Isso exige de nós mudanças de posturas frente aos colegas adultos e às crianças. Exige que alteremos várias de nossas práticas e ações pedagógicas.

Acredita-se na importância de uma formação em que esteja presente a construção da capacidade de ver. Ela nos fornece instrumentos para investigar e compreender. Vamos ver e refletir sobre o que vemos?

Observem o quadro abaixo. Qual a relação da mãe/adulta ao ver a criação infantil? O que acham que o menino pretendia fazer? Qual seria a reação de vocês?



Neste ponto de nossa segunda aula, solicitamos que realize a atividade 3.

Referências bibliográficas

ARANTES, OTILIA (org). Forma e percepção estética: textos escolhidos II. São Paulo, EDUSP, 1995.

GOBBI, Márcia Aparecida. Ver com olhos livres: Arte e educação na primeira infância. IN: FARRIA, Ana Lúcia Goulart (org.). O coletivo infantil em creches e pré-escolas. São Paulo: Editora Cortez, 2007, p.29-54. Disponível em: <http://www.todosnos.unicamp.br:8080/lab/acervo/capitulos/GOBBI_VerComOlhosLivres_In_OColetivoInfantil.doc/view> .

_____. Desenhos de Outrora, desenhos de agora: Mario de Andrade colecionador de desenhos e desenhista. São Paulo, FAPESP/Annablume, 2011.

VIANA, Letícia Rauen. Desenhos recebidos e imageria escolar: uma possibilidade de transformação. 1999. Tese de doutorado, Escola de Comunicações e Artes, USP.



AULA 3

DESENHOS DE MENINAS
E MENINOS: ARTEFATOS
CULTURAIS E MANIFESTAÇÕES
EXPRESSIVAS DAS CRIANÇAS

Autora: Márcia Aparecida Gobbi



Nessa aula procuraremos discutir sobre os desenhos das crianças especificamente. Essa manifestação expressiva de meninas e meninos encontra-se presente em nosso cotidiano em diferentes situações, contudo, sua presença por vezes, impede-nos de olhar e ver o que está contido em linhas, traçados, formas e assuntos apresentados. Desenha-se muito: após atividades em áreas livres, enquanto aguardam algumas rotinas diárias como escovação e momento de saída, no intervalo entre atividades. Mas, com isso o desenho apenas preenche o tempo e perde, com isso, suas características próprias como artefatos culturais. Estamos vendo os desenhos das crianças e considerando-os em sua complexidade e inteireza para além da perspectiva maturacionista que leva-nos a observá-los apenas do ponto de vista do desenvolvimento infantil? Como vemos os desenhos criados pelas crianças desde bebês? Como eles são recebidos por nós quando entregues pelas crianças? Há muito que discutir e ver...

O estudo dos desenhos das crianças constitui-se sempre num grande desafio já que talvez esteja entre as expressões humanas mais conhecidas. Os desenhos para boa parte das pessoas são percebidos de diferentes maneiras: como rabiscos incompreensíveis, expressão da figura humana, as já famosas casinhas com chaminés que tantos de nós ainda desenhemos, representações de heróis de desenhos animados, ou situam-se entre aqueles que devem apenas ser coloridos, resultados de composições adultas feitas para crianças, com conteúdos infantilizados.

Alguns autores defendem a ideia da realização do desenho como atividade humana espontânea, contudo, a mesma proposta acaba por engessar algumas práticas pedagógicas quando voltadas apenas para classificar as criações infantis em etapas de seu desenvolvimento, empobrecendo, seja o processo de criação infantil, sejam as próprias teorias que passam a servir apenas como elemento de avaliação da criança desenhista, enclausurando-as num processo evolutivo, que toma como referência apenas o que já fora criado seguindo modelos escolares preconcebidos. A criança existe em suas pluralidades, através das relações estabelecidas com os outros, em contextos particulares do ponto de vista econômico, social, histórico, cultural.

Ao ser considerada desta forma, muda-se a forma como construímos nossas práticas e olhares para as criações dos meninos e meninas. Há muitas infâncias e muitas crianças. Temos hoje a possibilidade de escolha de que a criança também nos diga aquilo que ela é, bem como, nos fale sobre o que desenha e cria, imagina e constrói. Com isso, seus desenhos podem passar a ser vistos sob outra perspectiva, que não a evolutiva apenas, o que colaborará para que a conheçamos ainda melhor, bem como, às suas criações. Ainda, quando os traçados apresentam formas mais rebuscadas, são compreendidos como frutos da criação de uma criança singular, genial.

Essas premissas convivem conosco, e vêm sendo sedimentadas no imaginário social. São expressões de processos de criação, artefatos culturais realizados por pessoas de pouca idade que devem ser garantidos e observados e não desrespeitados ou infantilizados em função da faixa etária a qual pertencem os desenhistas. Trata-se de propor aqui um contínuo exercício de ver e pensar a imagem – os desenhos infantis – tendo como referências diversos interlocutores e pesquisadores oriundos de campos teóricos distintos, em destaque sua percepção como artefato cultural.



De modo simplificado, artefatos podem ser compreendidos, não apenas como produtos da cultura material, mas também como produções dos sujeitos – nesse caso crianças desde que nascem – que compreendem modos de ver, ser e construir o mundo. É importante afirmar que assim são compreendidos desde quando se pensa em adultos como seres construtores de culturas, ganhando em diferentes perspectivas formas e modos diversos de se entender e conhecer o que é ou foi produzido, assim sendo, obtinham status diversos: como produto e obra adulta, reconhecidos como tal em sua ampla maioria. Artefato cultural, bem como a perspectiva documental, ou seja, podem ser consideradas como documentos históricos que possuem indícios, fontes a traçar ou indicar caminhos que nos levem a conhecer meninas e meninos desenhistas em diferentes contextos sociais, culturais e históricos. Apresentar os desenhos infantis como fontes históricas e artefatos culturais exige de nós que os guardemos, garantindo status de documento, portanto, com rigor e cuidado. Portam marcas da infância e marcam infâncias em distintos tempos históricos. Podem ser assim compreendidos quando temos as meninas e meninos como construtores de culturas e nossos diálogos buscam na sociologia e na antropologia as fontes teóricas para adensar modos de ver e compreender a infância.

Os desenhos são aqui compreendidos como artefatos culturais em que manifestações expressivas elaboradas de modo complexo evidenciam diferentes infâncias. **Vale sublinhar: não como cópias, mas como representações, sendo válidos para investigação e promissores quanto à constituição de modos de entender a infância.** Como artefatos e fontes documentais implicam o diálogo com a História, Sociologia e a Antropologia, campos de estudos teóricos que oferecem oportunidades de construirmos concepções mais amplas e aprofundadas sobre as relações travadas na sociedade e no que as mesmas contribuem com os desenhos realizados pelas crianças. Nesta abordagem encontram-se a perspectiva de relações de gênero, étnica, de classe social como elementos também definidores e reveladores daqueles que desenharam.



PARA REFLETIR

Importa destacar que os artefatos culturais são criações humanas e assim são percebidas dependendo do contexto social, cultural, histórico em que estão inseridos. desse modo, ao afirmarmos os desenhos como artefatos culturais estamos atribuindo-lhes um peso importante na cultura. Trata-se de manifestações visíveis da cultura e, como compreendemos as crianças como construtoras de culturas infantis, aquilo que é criado por elas nas relações com os outros, pode também ser compreendido como produção cultural ou artefato cultural. Seus desenhos, bonecas criadas pelas meninas, diferentes brinquedos, podem servir como bons exemplos. Os artefatos são coisas estáticas, porém, ganham significados diferentes de acordo com seu uso e a relação que têm com o grupo em que se inserem. Portanto, os mesmos devem ser pensados em suas complexas relações e formas de produção.

A prática do desenho, seja em casa ou na escola, e nesta última, em todos os níveis de ensino, é considerada uma prática social, portanto, suporte de representações sociais que podemos conhecer, não os considerando como retratos da realidade e sim, observando-os como represen-



tações, individuais ou coletivas, da mesma. Pode-se concluir inicialmente aqui que o desenho é uma representação do mundo, ao mesmo tempo em que se constitui como objeto do mundo da representação, revelando-se nas relações com o universo adulto. Como instrumento, isto lhe permite conhecer melhor aquilo que a criança desenhista é, bem como, à própria criança, saber mais sobre os outros de idades iguais e diferentes que com ela se relacionam, de perto e de longe descobrindo a si mesmas e ao mundo conjuntamente.

Esta perspectiva poderá proporcionar aos pesquisadores e professores de crianças de todas as idades que as compreendam melhor e mais profundamente, segundo referenciais teóricos constituídos a partir de observações de diferentes dinâmicas do social. Aquilo que é fugaz – o desenho e seus suportes – e que, como tal, pode se perder rapidamente no tempo, pode ser também duradouro, dependendo da maneira como é organizado, ou mesmo, registrado por seus organizadores ou coletadores. Estas maneiras de nos relacionarmos com estes objetos-desenhos revelam, por sua vez, qual a concepção que se tem daquele que o criou, bem como, da própria criação. Favorece e exige a constituição de outros modos de ver e compreender essa produção infantil, logo uma formação que coadune diferentes áreas e campos teóricos do conhecimento em constante diálogo.

Para tanto, é imprescindível observar, investigar, promover situações em que estejam presentes diversas formas de criar. No que se refere à criação de desenhos, quando nossas preocupações se voltam para uma perspectiva social, na busca pela compreensão do que é produzido como artefato cultural o que implica conhecer culturas infantis, muitas perguntas podem ser feitas: de maneira geral, há diferença na escolha dos temas dos desenhos pelos meninos e pelas meninas? Há motivos artísticos mais predominantemente encontrados nos desenhos de um ou de outro? Há elementos que evidenciam cenas de um cotidiano vivido pelos meninos ou pelas meninas? Os riscos modificam-se ao longo do tempo? Ao serem conjugados à fala das crianças desenhistas, outros desenhos ou outras formas de compreendê-los são revelados? Como os mesmos podem se oferecer de modo a percebermos narrativas do cotidiano e da imaginação próprias dessas crianças? Há diferenças étnicas perceptíveis? Quais as formas de ocupação do espaço do suporte oferecido para desenhar? Quais as cores mais frequentemente utilizadas para expressar pessoas brancas ou negras? Há o já famoso pedido do “lápiz cor de pele” para pintar pessoas, indiferentemente, como se todos nós tivéssemos a mesma cor de pele, denunciando um padrão de beleza e padrão étnico a serem seguidos?

Para estas imagens se revelarem também o olho deve entreter-se, divertir-se, deixar-se levar. Detalhes que aparecem, cores que se sobressaem, o todo e as partes que ganham maior ou menor relevância. A imagem artefato cultura/desenho/documento também se completa pela leitura do outro. Isso exige estar junto, não em forma policial para vigiar a criação, mas, como companheiro aprendiz do que está sendo criado e seu criador.

Mas, o que torna os desenhos das crianças de todas as idades, documentos históricos? Como o mesmo pode resistir ao tempo que, em silêncio, pode corroer suas linhas, suas cores, oxidando não apenas os papéis, como também a memória de tantas infâncias? Qual seu status diante de outras criações infantis? Onde e como os desenhos das crianças podem ser guardados? Devem ser colecionados? Devem ser expostos? E como expô-los? Essa última é uma questão importante, pois sabemos que expor as criações infantis é algo comum em creches e pré-escolas e que pouco se reflete sobre qual o verdadeiro papel dessas exposições, assunto sobre o qual trataremos em nossa quarta aula.



Afirmar que os desenhos são documentos implica perscruta-los, investiga-los em seus indícios e contextos históricos, sociais e culturais de criação. Implica sabermos quem são as crianças desenhistas e as condições materiais de produção do desenho, coadunar essas informações nos levam a conceber essa criação segundo pontos de vista diferentes e bastante mais refinados. São fontes documentais, mas, em sua riqueza podem ser contemplados também como metáforas visuais, tal como nos ensina Gianfranco Staccioli

O desenho da criança fora apresentado como metáfora visual pelo pesquisador italiano Gianfranco Staccioli. Para este estudioso da arte e da infância, um aspecto fundamental a ser considerado por aqueles que entram em contato com a criação de desenhos de meninos e meninas reside em não reduzir as expectativas de que os desenhos carregam em si expressões ricas do processo criador das crianças. É possível ver em alguns dos desenhos realizados, sobretudo pelas crianças pequenininhas, uma expressão sintética, síntese de pensamentos, ideias, desejos, que resultam traços que não podem ser traduzidos de modo reduzido. Isso seria aferir-lhes elementos e propostas que não têm.

Quando estamos diante de tais desenhos uma proposta interessante, e não menos necessária, seria o exercício de desburocratizar o olhar e a prática dos desenhos – realizados pelos adultos para as crianças e entre as próprias crianças –, não procurando neles uma rotina rígida que mostram elementos já aguardados e em que não são permitidas alterações. É deixar-se provocar por aquilo que vê, transformando o lugar comum em lugares incomuns, ao ocuparmos outras posições, até então não percebidas como possíveis. A invenção e a surpresa tomam espaço nos olhares, muitas vezes, até então, turvos, dando lugar às incertezas.

Ao tratar os desenhos como metáfora visual pode-se percebê-los como transferência, intencional ou não, de um elemento desenhado para um âmbito que não é propriamente aquele primeiramente designado, podendo, portanto, ser semelhante ou não à coisa desenhada. Com isso, a dimensão poética desta criação ganha outras características tornando-se mais complexas aos olhos de quem observa: enriquece como criações ricas de meninos e meninas com profusão de inventividades, imaginação, fantasias, (que são e devem ser, sem dúvidas, também nutridas), as quais têm garantido em seu cotidiano a possibilidade de materializá-las, criando e recriando. Poderíamos afirmar que há um sentido radical nos desenhos infantis, o que é possível ver ao procurarmos além dos próprios traçados mais imediatos, que nos são apresentados. Mesmo os desenhos de crianças bem pequenininhas, podem surgir como solicitação do labor criativo pertinente e próprio de sua idade. São traços resultados também de uma antena viva que, pulsante, brinca e cria sons e ritmos ao desenhar, ora inquieta, busca informações entre os amigos, no chão da escola, com os adultos, com representações expostas nas paredes. Ou mesmo, entre aqueles meninos e meninas já bem maiores, que buscam escapatórias a um traçado, às vezes já aprisionado, numa invenção de formas que pretendem a comunicação e que possa contar com o inusitado.

À proposta de olharmos ou lermos os desenhos das crianças como metáforas visuais agrega-se a ideia de uma educação em arte voltada para os sentidos o que aproxima Staccioli do arquiteto **Bruno Munari**. Bruno Munari apresenta sugestões de práticas e construção de olhares sobre as criações infantis cuja busca volta-se para a educação polissensorial, ou seja, propõe que meninas e meninos

Arquiteto italiano, 1908-1995, Munari apresentou grandes contribuições para reflexões sobre propostas relativas a espaços de criação para e com crianças. O Brasil já recebeu várias exposições com objetos criados por Munari e que tratavam de espaços sensoriais e design provocando fecundas reflexões sobre infância e processos criadores.



desde pequenos e, destacando os pequeninhos, busquem descobrir e conhecer materiais, sejam naturais ou artificiais, para criar, não objetivando um ensino de desenho ou das diferentes manifestações artísticas, mas sim, garantir as experimentações com todos os sentidos na construção das dimensões humanas nutrindo sua criatividade, sua inventividade, em processos de criação, nos quais a poiesis, ou seja, o ato criador, esteja presente e respeitado por aqueles que encontram-se com as crianças.

Munari acreditava que neste processo, similar a um jogo constante, no qual a criança se vê envolvida, ela se aproxima da arte, porém, não de uma forma tão sistematizada que possa tirar o prazer do contato com as experiências e descobertas. Segundo o autor, é fornecido a todos os seres humanos um aparato plurisensorial. Contudo, com o passar dos anos, grande parte disto vai se atrofiando, porque o ser humano dá a preferência a campos teóricos e mesmo práticos nos quais não prevalecem a criação, o uso dos sentidos, como expressão do ser humano. **Há que cuidar para não diminuirmos ou castrarmos essa capacidade ao podarmos as crianças num cotidiano que as submetem a atividades pouco ou nada significativas.**

Até o momento, apresentamos alguns conceitos e práticas que exemplificam a ideia de desenho como documento, já utilizado como fonte a falar das crianças ou a partir delas. Mas, pode-se pensar, e é justo que nos preocupemos com isso, naquilo que deveria ser olhado. Deste modo, reitera-se aqui algumas palavras já escritas:

- O desenho pode ser concebido como documento histórico o que permitiria compreendê-lo, bem como, aos seus criadores numa perspectiva diferenciada.
- Ao conceber o desenho como um documento, vale ressaltar a sua não neutralidade, expressão de uma criança universal, que segue características similares em todo canto do mundo. Desta forma, os desenhos não são documentos inocentes. Carregam e deixam marcas no cotidiano do qual fazem parte.
- Nesta perspectiva algumas perguntas são pertinentes: quais os elementos constitutivos destas imagens que estão diante de nossos olhos? Quais as linhas, os traçados, as cores utilizadas?
- Quem o realizou é menino ou menina? Há diferenças entre as temáticas? As composições do espaço do desenho são feitas de qual modo? Há diferenças entre os desenhos de crianças oriundas de camadas sociais diversas? Pode-se perceber a diversidade étnica? É possível perceber tempos históricos diferentes? É possível traçar uma história do desenho e seu ensino a partir de como eles são realizados?
- Os desenhos das crianças pequeninhas encerram também em si a possibilidade de afirmá-los como documentos. Não podemos esperar que elas cresçam aproximando-se dos modelos e concepções estéticas dos adultos para os concebemos como belos e bons em sua complexidade.
- Vale ressaltar que estamos sublinhando a criação de desenhos, porém, não podemos deixar de observar que a pintura, a escultura e a dança encontram ressonância naquilo que temos apresentado até o momento. Ao lidarmos com essas manifestações expressivas e artísticas devemos ter clareza de que não podem ser tratadas como meros apêndices do cotidiano das crianças. É fundamental que sejam compreendidos em sua complexidade e inteireza. Observar as crianças e suas movimentações corporais colabora e muito para que as vejamos como criadoras de verdadeiras coreografias diariamente. Com isso, coloca-se por terra a ideia e a prática que exigem das crianças que simplesmente reproduzam “dancinhas”

com o único propósito de apresentações supostamente culturais em datas comemorativas e sem sentido para todos os envolvidos. O mesmo vale para a elaboração de esculturas em argila, massa plástica, madeira e outros tantos materiais que possam ser ofertados aos meninos e às meninas.



Agora nos encontramos com mais uma atividade proposta como forma de materializar algumas das ideias apresentadas.

Referências bibliográficas

GOBBI, M. A. **Mundos na ponta do lápis**: Desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil. *Linhas Críticas (UnB)*, v. 20, p. 147-165, 2014.



AULA 4

AS MOSTRAS CULTURAIS EM DEBATE: PARA QUE E PARA QUEM ELAS SÃO FEITAS?

Autora: Márcia Aparecida Gobbi



Em nossa quarta aula continuará a abordagem dos desenhos das crianças como artefatos culturais e problematizaremos outra prática bastante frequente nas creches e pré-escolas: as exposições ou mostras culturais. Retoma-se aqui a ideia apresentada na primeira aula. Ou seja, dependendo do modo como concebemos o que é ser criança orientamos a forma a ser dada aos objetos criados por elas. A curadoria revela como meninas e meninos são considerados a partir daquilo que criam.



PARA REFLETIR

O que queremos mostrar? A quem queremos exibir as criações infantis? Quais concepções estéticas estão presentes? Qual ponto de vista é adotado? Com quem dialogamos quando fazemos a curadoria de uma mostra e com que frequência?

Por enquanto retornemos aos desenhos. Para aproximar-se dos rabiscos e das manchas criados pelas meninas e meninos desde bem pequenos, é necessário reconhecer a ambiguidade da produção infantil e a necessidade de construir junto à criança o sentido e o significado do que está fazendo. Isto permite evitar o erro pedagógico de não atribuir nenhum significado a tais produções e esperar que a criança tenha aprendido a desenhar. Pode causar também outro erro que consiste em dar significados preconcebidos à produção infantil sem ter a criança como interlocutor. O desenho e suas produções são como dizia Umberto Eco (2005) uma obra aberta. Para isso, é necessária uma leitura não só de pedagogia ou psicologia, mas sobre arte. Ela é uma chave de leitura do desenho e também de outras manifestações, tais como: as esculturas feitas pelas crianças, suas danças, entre outras.

A construção de uma prática pedagógica diferenciada aponta para alguns momentos nos quais muitas lacunas são percebidas entre o velho e o novo, o que sempre fizemos e o que estamos aprendendo ou temos que aprender a fazer para produzir diferente. Dessa forma, estar com as crianças, observar, preparar junto com elas espaços privilegiados para se expressarem é algo que temos que aprender e estamos a fazê-lo. Olhar com vagar, passeando pelas linhas, procurando traços peculiares em seus desenhos, também é algo novo, já que desestabiliza práticas profissionais que têm se limitado a recolher as criações apenas para pendurá-las em paredes quase neutras, ilustrando ou por vezes infantilizando espaços, sem dialogar e, pior ainda, para colocá-las em pastas ou saquinhos plásticos quantificando a produção, dentro dos quais as vozes de seus criadores ficam mais caladas ainda. Suas expressões apagadas. Sua linguagem, reduzida.

Muito foi afirmado até o momento e com isto, - sobretudo quando nos voltamos para a primeira etapa da educação básica, buscando o desenho das crianças pequenas, sem, contudo, esquecer daquelas maiores frequentadoras do primeiro ano do ensino fundamental, que vale sempre sublinhar, ainda são crianças, - quero ressaltar a ideia de conhecermos, valorizarmos e garantirmos a dimensão poética de sua criação.

Quanto a isso a formação das profissionais que atuam com esses meninos e meninas deverá estar atenta considerando os diferentes aspectos presentes naquilo que é criado. Observar o número infinito de sinais e formas que resultam do longo processo de descobertas, entrar no ritmo e no tempo necessários para viver com as crianças os seus ritmos de descobertas e ex-



perimentações. Esse olhar e prática remetem a pensar e, por que não, engajar-se na percepção de que cada uma das crianças tem direito a expressarem-se de maneira pessoal, coletiva, as próprias sensações, as tensões vividas a partir da utilização de outras linguagens, de expressarem seus gestos, seus gostos.

Trata-se de profissionais cuja proposta de formação e experiência estética, de estar junto com as meninas e meninos, busca introduzir e garantir espaços que colaborem com as linguagens e formas de pensar das crianças, procurando alimentar seu próprio processo criador. Considero, porém, que colocar-se no ponto de vista da criança é um desafio que evoca o desejo e a disponibilidade de descentrar-se, de refazer-se criança, sem considerar atos infantilizados, pensando-os como próprios da criança, esquecendo-se que, já bem pequenos, elas estão construindo um gosto pessoal. Retomando o que foi afirmado em aula anterior: arte todos os dias!!

Sim, todos os dias, mas com o rigor e a leveza necessárias para que estejam cotidianamente em nossas vidas. Entre tantas, nossa proposta é a construção de olhares e de práticas pedagógicas que, inventivas, ampliem suas formas compreensivas sobre o processo criador de tantas e diferentes crianças. Deve-se considerar uma multiplicidade de formas, de cores, de sentimentos, que resultam atos criadores, numa visão multidisciplinar dos desenhos e das demais criações de meninas e meninos e que se proponha interrogar aquilo que é habitual. A arte e o lúdico fundindo-se em diálogos que podem interromper a considerada normalidade educativa, ou mesmo por termo uma forma escolar escolarizante, tão vastamente debatida e, por alguns, refutada.

Como discutimos as crianças criam e manifestam-se usando diferentes linguagens, algo a ser discutido refere-se a forma como tomamos contato com essas criações. As exposições ou mostras culturais que ocorrem em espaços escolares se propõem a divulgar as produções infantis, contudo, ocorrem pontualmente em circunstâncias que, por vezes, desconsideram as próprias obras expostas e seus autores e suas autoras. Vamos conversar, ainda que brevemente sobre esse assunto.

Exposições de desenhos e demais manifestações expressivas criadas pelas crianças: problematizando

Quando discutimos sobre arte e educação infantil uma temática recorrente, porém, pouco explorada e sobre a qual ainda menos refletimos, são as exposições ou mostras culturais. É fecundo e necessário estender um pouco esta discussão aproximando-a das práticas pedagógicas, provocando uma relação entre o que já salientei a respeito de expor os desenhos das crianças e as controvérsias já estabelecidas neste campo de práticas.

Embora muitos já tenham sinalizado em direção contrária a existência dessas exposições, afirma-se que isso pode ser visto a partir de seus aspectos positivos. Organizarmos exposições acena para a possibilidade de problematizarmos e, conseqüentemente, debatermos e conhecermos mais e melhor a infância e seus artefatos, suas manifestações expressivas e, com isso, os processos de criação, anseios, modos de ver e estar no mundo. Com isso, sua contribuição reside na construção de olhares mais próximos, que mergulhem mais profundamente nas produções, familiarizando-se com elas e com sua presença em vários espaços públicos, de onde tantas vezes são distanciadas. Suas ideias, suas produções circulariam em diferentes universos, passando a compô-los, alterando concepções que tantas vezes demonstram desconhecer ou mesmo menosprezar.



Com isso, chama-se a atenção nessa aula para uma prática recorrente que deve ser problematizada: as mostras culturais e exposições que ocorrem em creches e pré-escolas. Trata-se de um momento no qual as criações infantis passam, como que por encanto, a serem aclamadas e vistas como belas. Que bom! Porém, é oportuno pensar sobre o que ocorre nos outros dias do ano, fora aqueles voltados para os preparativos da exposição das criações infantis. Para onde vão os desejos por criar, as inventividades dos meninos e meninas que continuam exuberantes, expandindo-se por todos os espaços, procurando escapar. Pergunto-me: para onde vai o ato criador das professoras, - não todas, mas uma parte considerável – que têm que, freneticamente, preparar mostras culturais, feiras de artes, esquecendo-se daquilo que as crianças criam em seu dia-a-dia e destituindo do cotidiano a criação.

Sabemos que olhar com os olhos das crianças, ouvir e considerar suas vozes é fundamental para que possamos conhecê-las a partir delas mesmas. Contudo, são poucas as iniciativas que se proponham a tanto, sobretudo quando o assunto é colocar suas expressões em espaços públicos onde prepondera o tempo apressado e desenfreado, que, pode gerar olhares insensíveis, pouco reflexivos.

IMPORTANTE

Assim, expor as produções das crianças, as marcas deixadas por elas na História, como sujeitos que são, é imprescindível. Para tanto, nada melhor do que colocar em público o que as crianças criam, sendo, portanto vistas como construtoras e não apenas como consumidoras de cultura. As adultas e os adultos são curadores e curadoras nesses espaços, o que torna as mostras verdadeiras exposições com temáticas próprias, com reflexões sobre os assuntos a serem tratados, e que as mesmas não são apenas uma prestação de contas daquilo que foi realizado, mas têm outro peso: apresentar as criações infantis e garantir que as mesmas possam circular entre todos, derramando-se cotidianamente e promovendo exercícios de ver e aprender com as crianças.

Longe de fazer aqui uma defesa do “adultocentrismo” que prepondera em várias dessas exposições ou mostras, pretende-se salientar que tal iniciativa pode vir a contribuir com a construção de olhares adultos – professoras e familiares – que estejam mais familiarizados com as produções das crianças, mantendo uma relação diferenciada com elas. Que as considere em sua inteireza, que as observe, aprecie, conhecendo-as sob diferentes aspectos e contemplando, com isso, a construção do sentido de pertencimento nessas crianças, aliando imaginação, fantasia, criação no tempo do lúdico, diferente do tempo do capital com o qual procuram impregnar as crianças. O eixo central é a expressão infantil, sua inventividade, o ser criança.

Ponto a ser avaliado é reconsiderar a importância de expor as criações infantis de maneira cotidiana dentro e fora dos muros escolares. Essa prática colabora para a construção do sentido de pertencimento destes meninos e meninas ao espaço vivenciado todos os dias por



eles. O próprio ato de expor o que fora realizado contribui para a documentação de percursos criativos individuais e coletivos realizados pelas crianças e também pelas/os adultas/os que com elas trabalham e se dispõem a dialogar com todos que transitem por estes lugares, garantindo a circulação de ideias sobre infância e sobre suas criações entre os adultos e destes com as crianças e entre elas independentemente da faixa etária. A escola do saber deve encontrar conexões com a escola da expressão, abrindo suas portas para todas as linguagens de meninas e meninos (**Loris Malaguzzi**), acredito que, com isso, haverá uma abertura para a consideração das linguagens poéticas e a dimensão estética como elementos importantes na criação e constituição dos seres humanos de todas as idades.

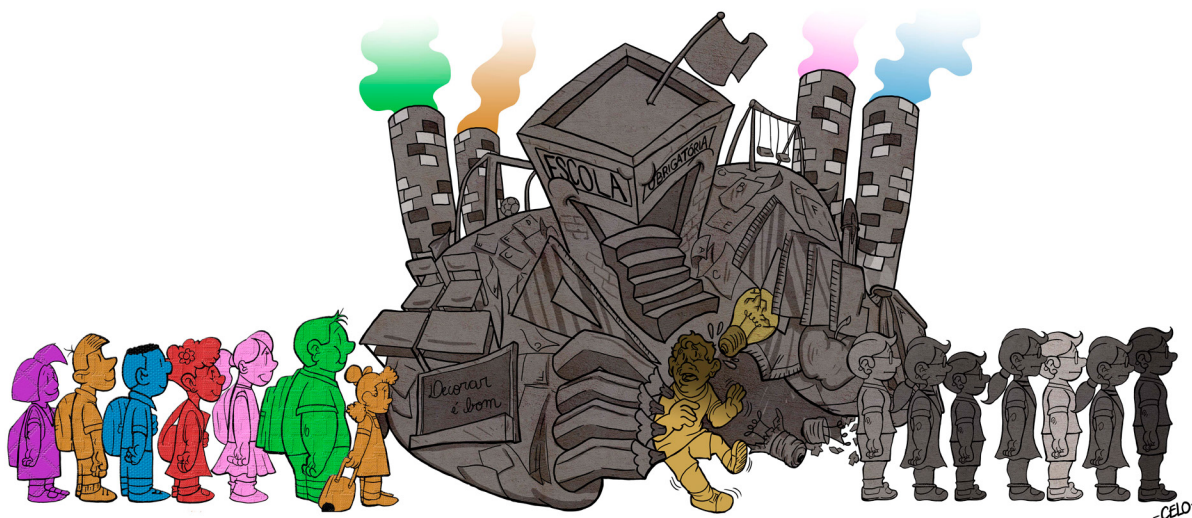
Loris Malaguzzi, educador italiano. tornou-se conhecido por sua aguerrida luta pela educação infantil em seu país, sobretudo após a segunda guerra mundial. seu pensamento colocava a criança no centro de suas preocupações, em especial, suas criações artísticas e inventivas em diferentes contextos e condições de criação.

Nessa última aula procuramos dar continuidade às reflexões sobre desenhos e demais manifestações expressivas das crianças concentrando-nos não apenas no desenho em si, mas procurando compreender as formas como são apresentados para que sejam vistos pelos outros. O modo como se faz a **curadoria** de uma exposição revela como as obras expostas são compreendidas, não apenas pelos curadores, como também em seu tempo. Curadores sempre atuaram em exposições de arte,

Curador/a: responsável por conceber, elaborar, montar e supervisionar exposições artísticas.

contudo, é possível pensar sobre sua função em museus e exposições e relacioná-la aquela que é realizada nas escolas. Por que quando se trata de museus aceitamos mais facilmente a presença de adultos com formação especializada e reconhecido conhecimento em arte e não queremos algo semelhante para nós, adultas profissionais da educação infantil? A formação em arte não pode ser rigorosa quando se trata daqueles que atuam com bebês e crianças com até seis anos de idade? Orientar e questionar nossas formas de ver aquilo que crianças tão pequenas criam não merece rigor? Será que é porque lidamos com a infância? Caso pensemos que sim, está na hora de mudar. Mudança essa que será possível quando nos dermos conta da importância de nossa formação e das relações estabelecidas com a criança, com os diferentes contextos em que atuamos profissionalmente e que temos que nos alimentar frequentando diversos espaços culturais. Professoras e professores podem atuar como verdadeiros curadores nas escolas e, com isso, preocupar-se com a forma como as exposições podem ser estruturadas, em consultar os demais segmentos sobre temáticas a serem tratadas nas exposições, periodicidade, linhas condutoras com assuntos e usos de materiais, envolvimento das crianças e familiares.

Como parte das atividades sugeridas finalizaremos aqui com uma charge. Observe:



Há uma visível crítica á cultura escolar que dilacera os processos criadores de adultos, adultas e crianças, em todas as idades, desde bem pequenos.

Neste ponto de nossa segunda aula, solicitamos que realize a atividade 5.